

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis	JOSE FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral		Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral	
dos correios	1\$100 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	dos correios	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »

SUMMARIO—*Devoção a Maria*.—SECÇÃO DOCTRINAL: *Imitação de Jesus Christo*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Milicia Christã*, (3.ª parte), pelo rev. snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. Ferreira—SECÇÃO HISTORICA: *Convento e freguezia de Manellos*, pelo rev. sr. Padre José Victorino Pinto de Carvalho—SEC-

ÇÃO LITTERARIA: *Nossa Senhora do Pranto (Lenda aveirense)*, pelo snr. Rangel de Quadros; *Festa fim de seculo*, pela snr.ª M. M. Flor do erno, pelo snr. Oscar Luso; *O problema de Lourdes*—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Ultima visão de Daniel*—SECÇÃO NOTICIOSA.

Gravuras: *Luthero*; *Ultima visão de Daniel*.



Luthero



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Maria é o «exemplar pelo qual se devem escrever e corrigir os livros das nossas consciencias, segundo o que foi dicto a Moysês (Exodo 35): Examina, e depois faze, segundo o exemplar que te foi mostrado no monte.» (Rich. a S. Laur.)

Invocae a Maria.—Orae por nós, querida e dulcissima «Padroeira dos que jazem na miseria e luctam com a adversidade.»

Alegrae a Maria.—Por uma omnimoda, universal e filial confiança: «Se Maria é por nós, quem será contra nós?»—*Filhos de Maria, imitai-a...*

ll.

SECÇÃO DOCTRINAL

Imitação de Jesus Christo

VAMOS dar uma excellente noticia aos nossos leitores, e que por certo vae encher de jubilo todos os verdadeiros catholicos. Trata-se d'uma edição portugueza d'aquella admiravel obra, que tem enchido de espanto todos os pensadores catholicos, que tem proporcionado momentos de ineffavel e santo gôso a todos quantos a leem, da *Imitação de Jesus Christo*, emfim. Uma nova edição, dissemos nós? A unica, a verdadeira edição d'esta monumental obra, que tem apparecido em portuguez.

A obra está sendo impressa na typographia do proprietario d'este jornal, e tudo nos faz crêr, que deve deixar nome a respectiva edição. Para isso basta dizer-se que a *Imitação de Jesus Christo* é traduzida do original latino pelo Rev.^{mo} Snr. Padre Manoel Marinho, o unico homem que conhecemos com os precisos dotes para este empreendimento. Alem d'isso adiciona-lhe o erudito traductor umas interessantes notas no fim de cada capitulo, o que mais vem engrandecer e illustrar a publicação. Pelas duas folhas já impressas se pôde facilmente avaliar do resto da obra.

E como se tudo isso fosse pouco, conseguiu o editor da obra que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} snr. Dr. Coelho da Silva, dignissimo Promotor e Vigario Geral d'esta diocese, o eminente theologo que todo o paiz conhece e admira, se encarregasse de rever e dar o respectivo parecer ácerca da immortal obra, cujo auctor infelizmente se desconhece, mas, que, como pensava o erudito Victor Leclerc, que em 1855 publicou uma magnifica edição da mesma obra, mais deve ser considerada uma obra impessoal, escripta no coração da idade media, e desenvolvida pouco a pouco, até que chegou á perfeição que nós hoje a conhecemos.

A proposito do auctor d'esta obra inspirada, teem sido levantadas varias controversias entre os escriptores, e nunca se conseguiu chegar a um resultado satisfactorio.

Uns attribuem na a Thomaz Kempis, conego da diocese de Colonia, nascido em 1380, e fallecido em 1471; outros a um tal João Gessen ou Gersen, beneditino da abbadia de Sain-Etienne de Verceil, devendo tel-a escripto entre 1220 e 1240. Outros finalmente attribuem-na a João Charlier Gerson, theologo francez, conhecido pelo cognome do *doutor Christianisso*, e que tendo nascido em 1363, falleceu em 1429.

Não ha, pois, certeza ácerca do auctor d'esta immortal obra; mas o que é certo é que grande numero de criticos, principalmente em França, pensam que Gerson é effectivamente o seu auctor. E, se não ha provas directas em apoio d'esta opinião popular, pôde-se afirmar que a maxima parte dos manuscriptos que teem apparecido d'esta obra, trazem o nome de Gerson, e não ha effectivamente nem na sua vida, nem nas suas crenças, nem no estylo de Gerson, que contradiga seriamente esta opinião.

Para o leitor poder, até certo ponto, avaliar a importancia d'este modo de ver, vamos aproveitar a occasião para dizer algumas palavras ácerca da vida e obras do alludido theologo francez.

Nasceu João Gerson, em Gerson, perto de Bethel (aldeia de que tomou o nome) em 14 de dezembro de 1363. Estudou em Reims, no collegio de Navarra e em Pariz. Formado em theologia em 1392, e chanceller da universidade em 1395, Gerson dedicou toda a actividade d'uma intelligencia superior, toda a dedicação da sua alma a restituir a paz ás consciencias, a união e a pureza á Igreja, e a grandeza e a dignidade á Santa Sé. Era essa uma epocha de crueis provações. O infeliz scisma do occidente estava em toda a sua violencia, e o clero francez não

queria obedecer a Benedicto XIII. Gerson, desgostoso por estes factos anormaes, queria refugiar-se em Bruges, onde Fillippe o *ousado* o havia feito deão. Todavia, triumphando do seu desánimo, combateu virilmente. Trabalhou primeiro na reforma dos estudos, atacando os erros da magia e da astrologia. Inimigo do scisma, mas inimigo igualmente dos meios violentos que de balde se empregavam, para lhe porem fim, escreveu o seu tratado *De Schismate* e exaltava nos seus sermões, e nos seus escriptos a Benedicto XIII. Mas a sua linguagem desagradou aos partidos extremos, tanto aos que declaravam o papa infallivel, como aos que não queriam papa.

O assassinato do duque d'Orleans em 1407 veio ainda augmentar os males da França. Gerson atacou o auctor do crime, João de Bourgogne, e sobretudo o apologista João Petit e as suas doutrinas. Depois deu o seu apoio moral ao concilio de Pisa pelo seu tratado *De Unitate Ecclesiastica*. Em 1410 publicou *De modis uniendi ac reformandi Ecclesiam in concilio universalis*. Compareceu em 1415 no concilio de Constança e ali contribuiu para a deposição do papa João XXIII. Escreveu então o tratado *De Potestate Ecclesiastica*. Foi um dos que mais reclamou a condemnação e o supplicio de João Huss e de Jeronymo de Praga.

Escreveu mais: *Commentarios sobre os Psalmos*, e o *Tratado de exame das doutrinas*.

Morreu em Lyon a 12 de julho de 1429, quando dava a ultima demão ao seu *Commentario sobre o Canticos dos Canticos*.

E' a este escriptor que a grande maioria dos criticos francezes attribue a inegalavel obra *Imitação de Jesus Christo*. Se effectivamente foi elle o auctor, devia a obra ter sido escripta entre 1410 e 1415, quando Gerson, perseguido, apoz as luctas fraticidas e sangrentas entre os Armagnacs e os Bourguignons, foi forçado a refugiar-se *sobre as abobadas de Notre Dame*, tendo até sido saqueada a sua casa em Pariz.

Depois de sepultado, mão piedosa collocou sobre o seu tumulo, na igreja de S. Paulo estas unicas palavras que resumem toda essa vida pederosa: *Sursum corda*.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Milicia Christã

3.^a PARTE

II

Ao alvorecer do seculo XX

CADA qual espregada, com mais ou menos curiosidade, procurando

descobrir, nas feições d'elle, as características da sua índole: mas é muito novo e nem as próprias feições apparecem por ora definidas.

E no seu indefinido semblante, cada qual julga ver o que lhe dicta o seu bom, ou máo desejo.

Os anarchistas esperam que elle dará cabo dos restos d'ordem, que o seculo XIX respeitou, ou não teve tempo de desancar; porque entendem que não quererá desmentir os propositos desordeiros do seu pae.

Os amigos, porém, da ordem julgam, que envergonhado este dos maus passos, que aquelle deu, desandarão em procura do que aquelle perdeu de prestigio e honra.

O liberalismo já caduco, ainda que não muito velho, conhece que está doente com lesão cardiaca, com rheumatismo gottoso, e por onde anemico: mas ainda assim entende que pôde viver longos annos, para tormento da humanidade, que o atura.

Os amantes da legitimidade e do direito calculam, que sem o seu triumpho as nacionalidades desaparecem, a historia se apaga, a propriedade periga e a fé se define, e julgo que têm razão.

Mas as democracias estão de moda, e os democratras entendem, que esta de Paris, como as outras que de lá nos trazem os figurinos, vae pegar depressa onde ainda não pegou, e Deus queira que se enganem; porque encabeçam com *Demo* e não sabemos como acaba-rão.

Os não catholicos, ou os que sómente o são no nome, correm como brutos, levados pela soberba dos sentidos, d'ignorancia em ignorancia, até cahirem na abjecção da idolatria.

Mas ainda assim dizem-se sabios e blazonam d'illuminados, e de amantes do progresso.

E certamente n'esse seu andar, se o Diabo lhes não falta com o seu tenebroso auxilio, ou Deus omnipotente não os confunde vão muito breve no alcanço de Nero e de Caligula.

Os sinceramente catholicos, que acatamos o poderio da omnipotencia, e confiamos na divina Providencia, esperamos que n'este seculo, como em todos os anteriores, a soberba humana será confundida perante o esplendor do poder divino.

E da realisação d'estas nossas esperanças não faltam já preludios.

Ao principiar do seculo passado até lançaram fora dos templos ao divino Redemptor, e mais tarde das escolas e até dos hospitaes: hoje as suas imagens, ou a cruz, symbolo da nossa redempção, não sómente retomaram o seu logar nos templos, no hospital e nas escolas, salvas tristissimas exce-

ções: mas encimam tambem gloriosos novos monumentos publicos e particu-lares, e até se erguem victoriosas nas mais altas penedias, para dizer ao mundo que Jesus é que domina.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

UMA sucia de cuidados e negocios, que nos assoberbam em tudo, não deixam pensar na salvação eterna. Soffcados pelas difficuldades e preoccupações da vida presente, somos impedidos a cada passo de nos aproveitar das graças divinas. Tomamos, pois, a indocilidade do nosso espirito e juizo proprio, os quaes nos expõem a certas hesitações em materia de fé. Façamos generosamente o sacrificio de nossas idéias pessoaes.

Apraz-me copiar do ultimo n.º 12 do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* o seguinte: «Olhe, meu amigo; ha catholicos e catholicos.»

O nosso Padre Antonio Vieira já distinguia catholicos do Credo e herejes dos Mandamentos; e hoje então ha uma casta de catholicos que, em pontos de Religião, dariam conselhos a Deus, tanto sobre dogmas, como sobre oportunidades, e chegam a dal-os muitas vezes á Santa Madre Igreja.

Estes catholicos esteticos cortam a seu talante uns artigos do Credo e uns preceitos do Decalogo, e d'aquelles fragmentos temperados com umas pitadas de mandamentos da Igreja, formam para seu uso e socego uma religião comesinha, assim como quem, n'um *menu* de hotel, escolhe uns pratos e regeita outros para seu *diner à la carte*.

Aquelle arranjosinho não lhes faz mau estomago por cá, mas ás portas da eternidade. «Oh, a eternidade! Como és terrivel, quando fôr preciso soffrer em quanto durares! E continua no mesmo diapasão no seu n.º 1, d'este anno: «Cremos em Christo, porque cremos o que é; e não cremos a Christo porque não cremos o que diz...» Oh Jesus Menino, quanto Vos agrada uma educação espiritual!

Ha de ser chamado *Ignis ardens*, fogo que arde, o Successor de Leão XIII; porque Jesus Christo quer muito bem que seja todo para Elle,—toda e qualquer pessoa que aspirar a este santo abraçamento:—nunca mais estratagemas do amor proprio; basta de sensualidades, processos e palavras contra o sublime preceito:» Faze aos outros aquillo que tu querias, em circums-

tancias eguaes, que te fizessem a ti.» Jesus quer bem que renunciemos todos os mil pensamentos, vistas, pequenas liberdades que debilitam o coração e o predispoem a cahir em culpas.

Morrem os paes, mas não morrem os escandalos por elles causados. «Tudo passa.» A Eternidade não passa. Os prazeres, as festas, as horas agradaveis teem seu fim inexoravel; mas o que passa é bem pequena cousa. Sómente os bens eternos merecem as nossas atenções e os nossos esforços. Não ha senão uma sorte de males que nos é preciso temer: os males eternos. O que podem esperar o mentiroso e o ladrão, por exemplo? Nascemos bons, ou fomos baptisados. Quem foi que nos fez maus? E quem foi que aos filhos ensinou o mentir, o furtar, etc.? os superiores, os paes com suas injustiças ou imperfeições que induzem ao mal.

Deus quer tam somente que nós executemos a missão que nos foi dada. Escolheu a cada um a sua. Que nos gabe Deus: amar a Deus é não desprezar as leis ou preceitos: agradar a Deus é a melhor pretensão de nossa vida. O cuidado que nós pozermos, em nós mesmos, de concertar bem nossas disposições é o que nos faz nossas acções excellentes e de merecimento. Bom para ser bom, deve ser bom em tudo. Não cessemos de o dizer. A obra do verdadeiro Deus não admite restricções. Na verdadeira religião não ha divorcio entre os mandamentos e a fé. Sem a fé não ha merito, e a fé sem a obra é morta. Ignoro como reformar para melhor n'este seculo venturoso, talvez, em que felizmente nos achamos, tanto *bem estar* de problemas sociaes que nos atormentam. 30 p. c. de contribuição de guerra, no meio de uma paz vergonhosissima; o grau 33 dos livres pensadores, e o povo soberano estão fazendo um mal rabugentissimo. E o patrio dominio e poder marital, como é hoje absurdo, até brutal! Os deveres sacrosantos dos paes reduzem-se a dois, para com seus filhos, o alimento e a educação. Em quanto áquelle ainda não ha muitissimo que dizer; porém, relativamente a este ha um nunca se acabar...

Digamos, pois, com uma voz grossa e firme: Mundo perverso, eu te renego, esqueço tudo quanto está pelas minhas trazeiras, retira-te com Satanaz; nada ha de commum entre nós. Jesus Christo, nós, e os nossos irmãos e proximos, formando um só homem, façamos todos bem por attrahir Jesus Christo a todos nós, Seus filhos. Façamos tudo por Jesus Christo, tudo como Jesus Christo, tudo em união com Jesus Christo para nosso bem.

Agora só vale muito quem tiver muitissimo dinheiro. E' o que mais

progride agora nas terras pequenas a imprensa protestante, sem o saberem ou quererem saber. Dinheiro e mais dinheiro, e no cabo nada, é a religião do maldicto dinheiro. Logo que possuam dois vintens, ou pouco mais, já não vão á missa.

(Continua)

A. S. FERREIRA.

SECÇÃO HISTORICA

Convento e freguezia de Mancellos

Extracto dos Capitulos de Visita

1795. Alexandre Barbosa da Fonseca, Abbade de S. Cypriano de Villa Nova de Cerveira. Encontrou tudo em mau estado: os missaes rotos e as paredes da Igreja immundas e ainda outras irregularidades, que manda sanar, observando-se o que já foi ordenado nas visitas anteriores.

O Rev. Parocho não consinta serões nocturnos de homens com mulheres, observando-se o que ordenou o Senhor Arcebispo D. José; e condemnando em 500 reis os transgressores.

1797. José Alvares de Miranda, Reitor da Igreja do Salvador de Valdeu, Commissario do Santo Officio. Prohibe Sua Ex.^a o Senhor Arcebispo todas as compras e vendas, permutações e mais contractos nos Domingos e dias Sanctos, excepto sobre as cousas de comer e beber, não sendo para negocio, e pescado fresco, o qual se pode vender. Exceptua ainda outros artigos de primeira necessidade, por exemplo: o que for necessario para enterro ou funeral; tabaco miúdo ou em quartas e remedios; uma folha ou caderno de papel, tinta de escrever, obreas, cartuxos de pós, ou porção de banha, alfinetes, e tambem algum rolo, vellas de cebo, ou cera, lenha para cosinhar; o que for necessario aos viajantes; podendo os sapateiros e alfaiates entregar a obra e receber o importe, e qualquer pessoa pagar o que deve e receber pagamentos e soluções de toda a qualidade de dividas.

A instancias de Sua Ex.^a dignou-se o Santo Padre Pio VI conceder um Breve perpetuo a todos os diocesanos deste Arcebispado, para que, depois de satisfazerem ao preceito de ouvir missa, possam trabalhar nos dias Santos dispensados; pelo que declara que se pode trabalhar sem escrupulo, depois de ouvida a missa.

Ordena que se celebrem os officios da Semana Santa, de modo que as Igrejas se fechem, o mais tardar ás horas das Trindades.

O seguinte capitulo é importante, porisso o copio textualmente: Sendo

Sua Ex.^a informado que muitos ecclesiasticos, pela ligeireza e indevoção, com que são vistos recitar os nocturnos e mais officios pelos defunctos, dão um triste testemunho de que o espirito do lucro, avareza e ambição é quem os chama, une e detem naquelles religiosos adjunctos, concorrendo a animar esta estranha presumpção, outro não menos claro argumento, qual o de se retirarem intempestivamente, antes de se enterrar o cadaver, estando presente, faltando talvez a recitação das preces respectivas, com que affrontam a Deus e escandalizam todos os pios e prudentes; desejando S. Ex.^a applicar-lhe remedio, por ora por um meio suave, recommenda em Jesus Christo, pede e supplica a todos os Sacerdotes, e mais ecclesiasticos que, naquelles Sanctos e veneraveis adjunctos, se deixem trespassar das considerações da morte e caridade christã, portando-se de maneira que não exalem o mau cheiro de um coração corrompido, e profanem os sagrados canticos e ceremonias das Igrejas, ordenando, como ordena, debaixo da mesma pena de obediencia, que nenhum se retire antes de o corpo ser sepultado.»

Prohibe os leigos se ajoelhem nos subpedaneos dos altares; sejam advertidos, e se não disistirem, sejam multados em 200 reis.

Recommenda a observancia dos Capitulos das visitas antecedentes, principalmente os que prohibem os ajuntamentos nocturnos de homens e mulheres. Louva muito o Rev. Parocho (José Pereira Nobre) pelo seu zelo espirital e espera que continue, porque de Deus receberá o premio.

Segue a seguinte nota: Não ficam obrigados ao Cap. os R. Sacerdotes desta freguezia, por ser como é, obrigação levar o thuribulo o R. Coadjuutor ou o R. Parocho, e ser este o costume.

Mancellos 11 d'agosto de 1797.

O Reitor José Pereira Nobre.

De modo que, tendo de tractar do thuribulo, não podiam assistir aos officios com a compostura e devoção, ordenada no capitulo.

1799. José Luiz Alvares Faya, Abbade de S. Matheus da Ribeira. Recommenda que os Rev. Parochos instruam seus freguezes, todos os Domingos e dias festivos, com discursos tirados do Evangelho, claros e preceptivos ao povo, e nunca deixem de fazer doutrina aos meninos, pelo cathecismo adoptado. Sua Ex.^a deseja ver estabelecida a pratica diaria da oração mental na Igreja; ou pelo menos não deixem os parochos de a fazer aos Domingos e dias festivos. «Para os inflamar nesta resolução, basta quanto San-

ta Thereza de Jesus chamou a este exercicio caminho real para o ceu.»

Recommendam aos Ecclesiasticos que estejam nos templos e funcções religiosas, com a devoção e decencia de vida, e que assistam aos moribundos; pois para que são todos os cuidados da vida, se na morte ha de haver desenganho?

1802. Domingos Gonçalves de Carvalho Abbade de Salvador de Pinheiro.

Que se cumpra o que foi ordenado nas visitas anteriores, em relação á doutrina christã, oração publica, e conferencias moraes. O Rev. Parocho multará o Sachristão em 240 reis, todas as vezes que se descuidar de acender a lampada.

Que assista aos moribundos; e porque vê nos assentos de obitos, que muitos morrem sem sacramentos, multará os familiares, que não derem a tempo parte dos seus doentes.

Manda remeter para Braga o livro dos baptisados, que se acha findo; e que os donos de Oratorios apresentem seus Breves.

Diversas providencias a respeito de reparos nas Capellas; e como a Corôa de Nossa Senhora da Conceição, da Capella de Pedrão, esteja na mão do parocho, segundo lhe consta, manda que no termo de quinze dias, se colloque na Imagem.

1805. Estevão José Pereira dos Reis, Abbade de S. Pedro de Raymonda.

Diversas providencias a respeito das Capellas, as quaes já foram ordenadas, mas não satisfeitas; que se levantem as Cruzes da Via Sacra, que estavam cahidas e quebradas algumas, sob pena de 600 reis; que se observe o que está estatuido a respeito dos serões e ajuntamentos nocturnos de homem e mulheres, debaixo da comminação de que achando-o (ao parocho) o R. Visitador futuro, remisso neste seu dever, será castigado, segundo sua negligencia. O Rev. Parocho não se desmanche e descuide, aliás será estranhado na visita futura.

Em seguida está uma nota curiosa do Rev. José Pereira Nobre, então parocho:

«Protesto nunca mais deixar cantar missa de officio de algum defuncto a Frade algum, principalmente Dominico, e o advirto e rogo aos meus vindouros, que obrando o contrario, sentirão o que eu agora sinto, e é meu bemfeitor quem me adverte do mal.» Nobre.

O que fizeram os frades que motivasse este protesto, não o explica. E' pena; devia ser picardia importante...

1806. João Alvares Pinheiro de Carvalho, Abbade de S. Julião do Calendario. Attendendo a que a Lei, que manda aos Sacerdotes fazer doutrina,

ler o Cathecismo, explicar o Evangelho, antes de dizerem missa, nos Domingos e dias Sanctos não é um preceito puramente positivo, antes sim derivado de Direito superior, e já supposto a sua observancia pelas Constituições geraes; ordena o Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Vigario Capitular que se observe a este respeito o que foi mandado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo defuncto, de gloriosa memoria, sob as penas pelo mesmo Senhor comminadas.

Observem-se os Capitulos antecedentes.

1808. Antonio Ribeiro d'Alvarenga, Abbade de S. João de Villa Boa.

O Rev. Parocho vivia em uma casa apertada, que não tinha onde fazer uma cama e pôr uma mesa com decencia.

Manda por isso fazer obras, que só mais tarde e depois de muitas instancias, de executaram.

Foi informado que os freguezes, nas procissões funebres, se cobriam, indo a Cruz arvorada, o que julga gravissima indecencia. Manda pois o parocho que prohiba, quanto poder, esta falta de respeito; e, se houver refractarios, os dê em rol, para serem punidos, como pedir sua culpa. (Para obstar a taes indecencias, inevitaveis em uma freguezia, que tem logares a quatro kilometros da Igreja, introduzio-se o costume de se abaixar a Cruz e cobrirem-se os que acompanham a procissão funebre, até o largo fronteiro á Igreja, onde de novo se levanta a Cruz e se descobre o povo. O meu antecessor, que se collou em 1842, já encontrou este costume.)

1812. Joaquim Climaco ds Costa, Abbade de Santa Comba de Regilde, na Ribeira de Vizella:

O Ex.^{mo} Arcebispo estranha, mui seria e severamente, a indecencia com que muitos Ecclesiasticos assistem nos templos sagrados aos officios divinos, chegando ao escandaloso excesso de lançarem os sobrepelicos sobre seus Capotes, ou sobre vestidos que não são talaes; e de celebrarem o Santo Sacrificio da missa calçados de botas e sem habito talar; por estes tão intoleraveis abusos torna por responsaveis os Rev. Parochos para futuro, consentindo taes excessos, fazendo recahir sobre elles severo castigo, e privará do uso das ordens os Sacerdotes que isso praticarem.

Observem-se os Capitulos das visitas anteriores, que não estiverem revogados.

Manda prover do necessario a Capella de Manhufe, aliás ficará suspensa, por estar muito indecente.

1815. José de Souza Mello, Abbade de Santa Marinha de Prozellos dos Arcos.

Sua Ex.^a o Snr. D. Miguel da Madre de Deus, Bispo de S. Paulo, Arcebispo eleito e Vigario Capitular, determina:

Que os Rev. Parochos instruem os povos na doutrina christã explicando-a por seus principios e motivos, para que fiquem intendendo o que dizem e o que creem; e isto com especialidade nos Actos das Virtudes Theologicas e recepção proficua dos Sacramentos; pois desgraçadamente se observa que a sciencia do povo nestes artigos é toda de memoria e sem o conhecimento e explicação adequada á sua capacidade.

Que não deixem de fazer Cathecismo, nos dias de preceito, e o mesmo os Sacerdotes que digam missa nas Capellas e Oratorios. Que se use do Ritual de Paulo V. e não de outro qualquer livro, como determinou o Arcebispo D. Gaspar.

Que os mesmos parochos deem exemplos aos ecclesiasticos, seus parochianos, no exercicio de todas as virtudes, e na decencia nos vestidos; e que uns e outros assistam ás funcções religiosas com habito talar, como já tem sido recommendado, pena de serem castigados...

Que não serão attendidos os ordinandos, emquanto não tiverem habito talar, seu proprio... Recommenda a assistencia semanal ás palestras moraes...

Não approva o proceder de alguns examinadores, que dão approvação por oito annos; devem dar quatro aos sacerdotes, que se distinguirem, e aos outros, dous ou tres annos.

Declara que não está em vigor a particular determinação do seu antecessor a respeito da clausula da censura *ipso facto*, por falta de satisfação aos preceitos da confissão annual e da communhão paschal, e outras censuras, que revoga, sendo necessario; como tambem declara que cessou a concessão de dous mezes para uso d'ordens, depois de findo o despacho, como tinha determinado D. Fr. Caetano Brandão. Que estas determinações sejam copiadas, e publicadas e intimadas, especialmente aos ordinandos. E mui particularmente recommenda aos Parochos que sejam exactos nas suas informações, sobre vida e costumes dos ordinandos; pois com magua tem experimentado que muitos Parochos tem attentado e informado contra a verdade, em abono de sujeitos não só indignos, mas até culpados e condemnados em juizo; e aquelles que assim o não observarem, serão castigados como sua infidelidade e contumacia mereceram. Queixaram-se os sacerdotes da pequena esmola dos Officios dos defunctos e Missa; pelo que manda au-

gmental-a, conforme o uso e costume das freguezias vizinhas.

1818. Bento Joaquim d'Abreu, Reitor do Mosteiro de S. Silvestre de Reguião, Conego Secular de S. João Evangelista.

Limitou-se a mandar concertar a Sacristia do povo, onde as confrarias guardam seus paramentos, que estava em ruinas; assigna o tempo de dous mezes para estas obras, sob pena de 1\$000 reis. E se o não fizerem, o Rev. Parocho dará parte, para se providenciar.

Que se observem as visitas passadas.

1822. José Joaquim da Silveira e Silva, Reitor de S. Bartholomeu de Villa Flor e suas annexas, Roios, Lódões, Nabo, Santo André e S. Payo da Villariça, na Comarca de Moncorvo.

Foi informado que tendo esta 40\$000 reis annaes para reparos ordinarios della, se não tem applicado conforme sua instituição, do que succede estar muito falta de paramentos para os officios divinos; pelo que ordena que no praso de trinta dias deem começo ás obras necessarias.

E vae enumerando o que é necessario; donde se vê que faltavam muitos paramentos e os existentes estavam velhos e rotos; a igreja estava arruinada; tudo estava em miserabilissimo estado. E entretanto os Religiosos deste Convento recebiam, todos os annos, dos Conventos de Amarante e Villa Real, para concertos da Igreja e paramentos, 40\$000 reis...

Ha mais de um seculo, diz o visitar dor, que foi capitulado o reparo e acrescimo da casa da residencia, e ainda o foi tambem em 1808, e nada se tem feito. Ordena pois varias obras na residencia e casas annexas que, pelo visto, não estavam em melhor estado que a Igreja! Tudo a cahir!...

(Em 1825 fez-se a Residencia nova, como já disse no decorrer deste escripto.)

Visto ser esta freguezia muito extensa, populosa e difficil de andar, poe ser montanhosa, pode o Rev. Parocho requerer ao Snr. Arcebispo a criação de um segundo Coadjutor, como é de justiça e conforme a Constituição do Arcebispado. Foi esta a ultima visita, que veio a esta freguezia.

Passo agora a fazer uma synopse das Pastoraes, que principalmente d'aqui por diante são curiosissimas.

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

SÉCÇÃO LITTERARIA

Nossa Senhora do Pranto

Lenda Aveirense

(Veja-se a Nota final)

I

Em socego toda estava
A nobre Villa de Aveiro.
—Ao somno já se entregava
o peão e o cavalleiro.—

Era noite muito escura.
Uma estrella não se via.
Mas então a Virgem pura
mais, que as estrellas, fulgia.

Affonso Domingues era
um velho tolhido e pobre.
Só do Céu ventura espera.
Na terra não a descobre.

De pés e mãos entrevado,
só em Jesus acha goso.
Da Virgem se julga amado,
por isso crê-se ditoso.

Eram grandes seus tormentos,
mas, orando, os esquecia.
Da vida os curtos momentos
só vota á Virgem Maria.

E em toda a Villa de Aveiro
sempre era o velho fallado,
como um christão verdadeiro
e da Virgem sempre amado.

Alguem o tinha por santo,
por ser muito virtuoso.
E, de uma visão, no encanto,
mais foi o velho ditoso.

Visão formosa, dormindo
o santo velho, gosára.
Vio então o rosto lindo
da Virgem, que sempre amára.

II

Accordou! E, entre fulgores,
a fallar-lhe com ternura,
estava a Mãe de Deus pura,
terna mãe dos peccadores.

Mas Affonso estremecia,
Alegre e tão perturbado.
—E sentia-se curado
e já do leito se erguia!—

E, com a Virgem, brilhando
do pobre ficou a sala.
—E Maria ao pobre falla,
já para o Céu apontando.—

E assim lhe diz: «Tua enxada
toma, Affonso, e has-de seguir-me.
E não receies ouvir-me
n'esta empresa tão sagrada.»

Affonso, a enxada tomando,
tão alegre e prasenteira,
como fiel companheira,
vae cumprir celeste mando.

Seu passo não era incerto,
a Virgem pura seguindo.
—Mas Ella parou, sorrindo,
da *Porta do Sol* bem perto.—

III

Quando na *Escada do Muro*
a Senhora se sentou,
em todo o horizonte escuro
que fulgente luz raiou!
—Era a Mãe dos peccadores,
brilhando com seus fulgores!—

E ao velho diz: «Com a enxada
faze um signal n'este chão.
Quero aqui ver levantada,
sob a minha invocação,
uma Igreja com mosteiro,
que possa dar lustre a Aveiro.

Do mosteiro os habitantes
dominicos hão de ser.
Das virtudes sempre amantes,
meu nome hão de engrandecer,
dando com résas no templo,
nas orações santo exemplo.»

Affonso, alegre, cumpria
tudo o que a Virgem mandou.
E novas ordens ouvia,
que, humilde, cumprir jurou.
—Depois que a Virgem lh'as déra,
subiu á celeste esfera.

Como o velho foi ditoso,
ao ver a celeste luz
Co'aquelle rosto formoso
da casta Mãe de Jesus!
—Que frases ouviu agora?
Dil-as-ha, rompendo a aurora!—

Dil-as-ha o Pedro, Infante,
que tanto Aveiro amar quiz
e honrou o nome brilhante
de seu pae, Mestre de Aviz,
para, na Villa de Aveiro,
mandar erguer um mosteyro.

IV

Um dia muito formoso
já começava a raiar.
E lá ia a caminhar,
todo alegre e presuroso,
aquelle velho ditoso,
que a Mãe de Deus quiz sarar.

Ao povo, que, espavorido,
mal o poudo conhecer,
apenas soube dizer:
«Eu sou Affonso, o tolhido,
Mas, pelo Céu, protegido,
vou cumprir santo dever.»

Bateu á porta do Infante,
filho do Mestre de Aviz.
Vem um pagem, a quem diz:
«Teu amo, que se levante,
que ha de escutar, n'este instante,
do Céu nova bem feliz.»

A' porta se via a gente,
que o bom velho acompanhou
e que espantada ficou,
vendo Affonso tão contente.
—E então do pagem a mente
luz celeste illuminou!—

O pagem sem mais detensa
vae tudo ao Infante contar,
que logo mandou chamar
o velho á sua presença.
—E, com alegria intensa,
Affonso ouvira fallar.—

V

«Senhor, sou humilde e pobre.
—Affonso Domingues diz.—
Tu és Infante, és um nobre,
filho do Mestre de Aviz.
De missão celeste e honrosa
a Virgem, sempre bondosa,
ha pouco me encarregou.
E eu hesitava tremente.
Porém a Virgem clemente
a vir aqui me animou.

Tive o trabalho por gloria
e, no campo trabalhei.
E a enxada, para memoria
das minhas lides, guardei.
Hoje, na provecta idade,
só me resta a caridade
e a protecção do Senhor.
Sem ter na terra um amigo,
só tenho encontrado abrigo
da Virgem no santo amor.

E, por isso, eu hesitava,
não sabia o que dizer,
por que muito receava,
que não me quizeses crêr.
Temi, que a tua nobresa
despresasse esta pobreza,
mas a Virgem disse:—Não!
Dize ao Infante, o que me ouviste.
Conta-lhe tudo o que viste.
Não has de fallar-lhe em vão!—

Com a enxada com que outr'ora
o negro pão eu ganhei,
antes de romper a aurora,
no *Campo* o logar marquei,
onde seja levantado
um mosteyro, consagrado
e uma Igreja á Mãe de Deus.
Dá-te o Céu gratos ensejos,
Cumpre do Céu os desejos,
que, de certo, são os teus!



Ultima visão de Daniel

Agora sómente quero em paga d'esta missão, que se cumpra o que, sincero, te peço com devoção. Quero ter a sepultura no templo que á Virgem pura em breve has de levantar. Se ella em vida foi meu norte, desejo, depois da morte, junto a ella repousar.»

VI

Então o Infante, contente, só diz: «Não hesitarei! Da Virgem, humildemente, as ordens eu cumprirei. —Se feliz sou no presente, n'isso mais feliz serei.—

Tenho em Villas e Cidades o senhorio e o poder. Mas d'este mundo as vaidades feliz não me hão de fazer. De San' Domingos os frades um mosteyro hão de aqui ter.»

E, honrando a *Virgem do Pranto*, logo o Infante collocou a pedra, que o templo santo, pouco depois, sustentou e que foi do povo o encanto e que o povo sempre amou.

N'um altar, que ali se erguia á Virgem, Mãe do Senhor, a primeira missa ouvia com devoção e fervor. E *Frei Antão* a dizia, que foi primeiro prior.

Da *Senhora da Escadinha* o velho se appellidou Affonso, que sempre tinha, em quanto na terra andou, uma sorte bem mesquinha e só no Céu contiou.

E o velho Affonso acabava, depois que o templo se ergueu. A sua alma ao Céu levava a Virgem, que o protegeu. —E o seu corpo descansava, onde elle, humilde, escolheu.—

E sobre a *Porta*, que, outr'ora, o nome do *Sol* tivéra formosa imagem poséra o povo com devoção. Da Virgem, celeste aurora, ali a imagem brilhava e ás gerações recordava da Virgem a aparição.

E o povo com seus festejos ali recordava o dia, em que a celeste Maria Aveiro quiz visitar,

mostrando santos desejos de ver erguido em Aveiro em honra sua um mosteyro e veio o enfermo curar.

Da *Porta do Sol*, que resta? —Um cunhal ennegrecido! — Mas não ficará no olvido a imagem, que lá brilhou! Outra imagem nos atesta esta lenda, tão amada, e sem ser alumiada á noite nunca ficou!

Já não existe a capella, que, no cimo de uma escada, junto ao mosteiro elevada, esta lenda ennobrecu. N'um altar a *imagem bella da Senhora da Escadinha* o culto de um povo tinha, que a *Senhora* protegeu!

Tambem da *Escada do Muro*, onde a *Virgem* se sentára, como as *muralhas* deixára ha muito já de existir. Não importa! No futuro d'ella fallará a historia e Aveiro terá por gloria esta lenda repetir.

Do mosteyro venerado poucas ruínas sómente lembram, no tempo presente, uma gloria, que passou. Mas se os tempos tem mudado e tem muito destruido, não hão deixar no olvido o que vates inspirou.

Nota

No Capitulo III do Terceiro livro da Segunda parte da Historia de S. Domingos, por Frei Luiz de Souza, vem uma lenda, que se diz, déra origem á fundação do Convento da Ordem dominicana, em Aveiro.

Inspirou a João de Lemos uma das suas mais bellas poesias e que se intitula *Nossa Senhora do Pranto*.

E peço perdão á memoria de tão grande poeta, por me haver atrevido a tratar de um assumpto, de que elle tão habilmente havia tratado.

Tambem um aveirense n'uma das suas composições metricas faz uma referencia a esta lenda, que por muito tempo foi conhecida por o nome de *Lenda do Velho da Senhora da Escadinha*.

Com a demolição das *muralhas*, que cingiam a parte mais nobre d'esta povoação, desapareceram a *Escada do Muro* e a *Porta do Sol*, e tambem a imagem, que sobre a mesma *Porta* existia.

Perto do local e no exterior de uma

casa está uma boa imagem n'um nicho envidraçado.

E' alumiada todas as noites. Foi e ainda é isso devido á devoção dos donos do predio. E a imagem tem a invocação de *Senhora da Escadinha*, por ser ali posta em substituição da antiga. A capella d'esta invocação foi demolida em 1860, para no seu logar se levantar uma torre. Do convento só existem esses restos.

São elles, como a respectiva cêrca, propriedade particular desde 1867.

(Aveiro)

RANGEL DE QUADROS.

Festa fim de seculo

No meio da alegria que por todo orbe catholico se manifestava ao perpassar do seculo XIX para o seculo XX, os habitantes d'Airães, quizeram, quanto as suas forças lh'o permittiam, tributar solemne culto a Jesus Christo o Redemptor, por meio d'uma festa no dia 31 do mez findo e primeiro de janeiro. Para que todos esses cultos fossem mais do agrado de Deus e as almas tirassem d'elles fructos de salvação e de vida, nos dias 28 e 30 de dezembro houve muitos confessores para confessar todos quantos se acercassem do Santo tribunal da penitencia para, n'esta piscina salutar, receberem o remedio efficaz das almas. No dia 31 ás 2 horas da tarde no meio de uma profusão de luzes, flores artificiaes e musica, expoz-se o SS. Sacramento e diante de Jesus, o digno parochó, com uma numerosa multidão de fieis, recitou o terço no fim do qual os musicos cantaram a ladainha da SS. Virgem e em seguida subiu ao pulpito o Rev.^{mo} Snr. Padre Alves, S. J. que n'um discurso cheio de enthusiasmo e unção mostrou os beneficios de que eramos devedores a Jesus, excitou a todos a louval-O e a adoral-O, e, á luz da historia mostrou o horripilante quadro dos desvarios do seculo que estava a expirar o qual só foi grande pelo desenvolvimento material. A transição do seculo XIX para o XX foi annunciada por muitos foguetes; e, n'esse momento solemne, muitas pessoas elevaram a Deus fervorosas precés para que o novo seculo fosse o da paz para a igreja e de felicidade para a sociedade que se estorcia em convulsões de agonia. No dia 1 de janeiro, logo ao despontar da aurora que foi risonha e bella como as da primavera, foi o povo d'esta freguezia despertado com os alegres repiques dos campanarios e estalar de foguetes, a tomar parte na communhão geral que no fim da missa se administrava; e então, n'aquelle momento feliz, era

edificante vêr como algumas centenas de pessoas reverentes de respeito e amor, no meio d'hymnos harmoniosos, recebiam, das mãos do digno parochio, o penhor da vida eterna. Oh! que momentos tão solennes são aquelles em que os christãos unidos como n'um amplexo de fraternal affecto recebem nos seus corações o Pae celeste!! Salve religião de Jesus! salve! A's 11 horas expoz-se o SS. e em seguida principiou a missa solemne a grande instrumenta! e ao evangelho subiu ao pulpito o Rev.^{mo} Snr. Padre Alves, que tomou por thema do seu primoroso sermão as palavras de Jesus Christo. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida; e mostrou o estado da sociedade antes da vinda de Christo e que foi Elle o unico reformador da sociedade, assim como é o nosso Salvador e Redemptor. Mostrou com phrases bem frisantes que Jesus era Rei por natureza, por direito, por herança e por conquista, e terminou pedindo a Jesus uma benção para o nosso tão desventurado Portugal e para quantos alli estavam; deixando o selecto auditorio que com toda a attenção o escutava, plenamente satisfeito. No fim da missa recebeu a benção do SS. uma multidão immensa de pessoas que ficaram muito satisfeitas com uma festa de tanto brilho e esplendor. A igreja, que é espaçosa e de 3 naves, estava ricamente decorada com damascos e flores. A proposito direi que o iniciador d'estas festas já, a expensas suas, fez celebrar, no dia da Anunciação da Virgem, uma sympathica festa que constou de SS. exposto, missa solemne a vozes e sermão pelo virtuoso e illustrado sacerdote Rev.^{mo} Snr. Padre Mancel Maria Teixeira da Costa. E' bem digno de elogio e de ser imitado quem assim trabalha por dilatar e reinado social de Jesus. E' certo que se em cada freguezia houvesse, pelo menos, uma alma assim generosa em trabalhar denodadamente no serviço de Deus, não teriam, os verdadeiros catholicos, de lastimar tanta indiferença religiosa. O céo, pois, cubra de benção esta boa alma e lhe dê coragem para não desaminar no meio das contradicções que por accaso lhe sobrevenham, quando emprehender novos trabalhos de zelo e dedicação pela santa e nobilissima causa da nossa santa religião.

M. M.

Flor do ermo

I

Sósinho no seu quarto, a linda flor
Trabalha sem cessar nos seus bordados;
Jamais para o que passa em derredor
Os olhos alevanta, immaculados.

Inflamma-a do Jesus o santo ardor
De preces tem os olhos lacrimados;
Vestido de alvorada, o doce Amor
Finge beijar-lhe os labios perfumados...

Quem me dera a modestia ingenua e pura
Do teu coração radioso de ternura,
O' virgem carinhosa, ò minha amada!

Os lindos paraísos, fulgurosos,
Dos sonhos da tua alma mysteriosos,
Candida e solitaria desterrada!

II

E's estranho ás orgias-d'este inferno,
Qual aguia sublimada ao infinito;
Nos fulgores mortaes do sol hodierno
Nunca o teu meigo olhar se quedou fito.

Debalde o vento sopra d'este averno,
Não mirra um coração do Deus bendito;
E's ampla sem lodo, que o galerno
Leva n'aguas d'um rio já maldito.

Donzella immaculada, doce e pia,
Reza por mim, ò filha de Maria;
Por mim, vil peccador, alma sem luz!

Por mim ao Deus que eterno fulgurece
Subir faze os aromas d'uma prece,
O' rosa solitaria. Ao teu Jesus!

OSCAR LUSO.

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES (Versão do francez)

(Continuado do n.º 2)

A maior parte das curas produzem-se na gruta, nas Piscinas ou na procissão do SS. Sacramento, e por isso mesmo ficam sendo do *dominio publico* offerecendo d'este modo todas as garantias de verificação necessaria para não serem discutíveis.

● que é verdadeiramente o bureau das observações medicas

Imaginam certas pessoas que o *bureau* das observações medicas é a *fabbrica* d'onde saem todos os annos, com o sello de medicos que já têm opinião formada, e por isso mesmo suspeitos, todas as curas extraordinarias de Lourdes:

E' um erro manifesto, porque o *bureau* das observações medicas não serve em summa para outra cousa mais do que para *registar*.

Effectivamente o *bureau* é formado por todos os medicos que assim o requerem, sob a presidencia do Dr. Boissarie.

Hoje todo o mundo conhece o presidente do *bureau* das observações medicas de Lourdes.

Antigo interno dos hospitaes de Paris, muito ao corrente do movimento scientifico moderno o Dr. Boissarie conseguiu e conserva uma reputação medica notavel.

E' o typo do medico frio e meticoloso, não se embalando nunca com ideas theoreticas.

Tem horrôr instinctivo a tudo o que se relaciona com o *systhema nervoso*, e, por pouco que o reconheça, dá-se pressa em *despedir* o seu *nevropatha* e vêr-se livre d'elle.

Alguns dos seus collegas dizem mesmo que elle leva um pouco longe os seus escrupulos, procurando muitas vezes a *petite bête*.

O Dr. Boissarie é muito affavel para todo o corpo medico, e a sua felicidade é completa, quando vê em volta de si um circulo numeroso de medicos, e sobretudo quando a maioria é abertamente incredula.

E' certo, em todo o caso, que o *bureau* das observações é francamente aberto a todos os medicos sem excepção, os quaes não precisam outra cousa mais do que apresentar as suas cartas para terem *entrada franca*.

*

*

Vejâmos agora como funciona o *bureau* das observações medicas.

Digâmos desde já que os enfermos miraculosamente curados em Lourdes não são obrigados a passar pelo *bureau* havendo por isso muitos que não acceitam o convite. Estando pouco dispostos a subjeitar-se ás investigações por vezes indiscretas da sciencia medica, elles preferem passar despercebidos, a fim de se entregarem mais livremente ao seu reconhecimento e á sua felicidade intima.

Quando um enfermo, que se julga curado, se apresenta ao *bureau* medico, é submettido immediatamente a um interrogatorio *publico*, onde todos os medicos presentes podeni tomar a palavra.

Apresenta-se então o *attestado d'origem*, assignado pelo medico que tratava o enfermo; apresenta-se e lê-se *publicamente*.

As declarações do enfermo bem como o *attestado* são consignados n'um processo-verbal tambem *feito em publico*.

O enfermo passa então, se é necessario, a um gabinete particular, onde qualquer medico, que deseja sabel-o, *póde* estudar e verificar o seu estado *actual*. As observações d'estes medicos são reunidas ao processo-verbal.

O enfermo é então despedido, pedindo-se-lhe comtudo que volte, se o caso parecer interessante, ou se algum medico mostrar desejos de o tornar a vêr.

*

* *

Como se vê o *bureau* medico não faz mais que registrar.

Regista simplesmente o attestado d'origem, as declarações do enfermo e as observações dos medicos para verificar o estado do momento.

Com isto termina o papel do *bureau*, e é evidente que em taes condições se torna impossivel qualquer discussão.

A *discussão theorica* e a *interpretação* do facto não podem effectuar-se senão quando o enfermo torna a ser visto pelo medico signatario do attestado d'origem.

Só quando este medico tiver apresentado a sua apreciação, só então será classificada a cura, se a houver, entre os factos extraordinarios de Lourdes, porque a palavra *milagre* não é terno medico.

o que se deve entender por cura extraordinaria

Para que o terceiro dado ao problema de Lourdes seja claro e preciso, basta comprehender o que deve ser uma *cura extraordinaria*.

E' necessario para isso:

1.º Que o enfermo curado tenha sido visto e tratado regularmente pelo medico signatario do attestado d'origem;

2.º Que a sua cura tenha sido verificada pelos medicos do *bureau* medico de Lourdes;

3.º Que o primeiro medico que tratou o enfermo affirme que este vem transformado, no seu regresso de Lourdes;

4.º E' necessario que a *prova do tempo* seja completa, de modo que seja impossivel a recalhida;

5.º Importa sobre tudo que a cura não possa ser explicada pelos dados da sciencia medica moderna.

*

* *

Assente este ponto essencial, de uma vez, vamos passar uma vista d'olhos por todas as explicações que têm sido formuladas contra as curas extraordinarias de Lourdes, e mostrar, *com as provas na mão*, que o terceiro dado d'este grande problema se explica tão pouco como os dois primeiros.

As curas de Lourdes não podem ser explicadas nem pelas qualidades mineraes da agua da fonte, nem por seus effectos hydrotherapicos

Parece que um dos pharmaceuticos da cidade de Lourdes affirmára na epocha das aparições, que agua da Gruta era mineral.

E' tambem certo que este grajejo

foi repetido durante algum tempo por alguns guardas fiscaes, que, desejosos d'um pequeno reclame, queriam applicar á agua de Lourdes as taxas da agua mineral.

(Continúa).

SECÇÃO ILLUSTRADA

Ultima visão de Daniel

(Vid. pag. 31)

Um dia o propheta Daniel, vendo que a maior parte dos judeus acolheram com indifferença o edito de libertação, que elle alcançara de Cyro, entristeceu-se, e jejuou tres semanas, afim de enternecer o coração de Deus. E assim passou o tempo, chorando, penitenciando-se e orando.

No vigesimo quarto dia, estando nas margens do Tigre, ergueu os olhos e viu de repente um homem vestido de linho, cujos olhos, rosto e corpo resplandeciam, como se fossem de pura chamma.

Cahiu por terra, assustado.

De repente, sentiu que lhe tocava uma mão no hombro. E uma voz o incitou, em nome do Altissimo.

Daniel ajoelhou, e olhando em torno, viu trez carros, que conduziam trez reis, que eram Cambyzes, Smerdis Mago e Dario, que haviam de reinar depois de Cyro.

Depois do anjo do Senhor lhe ter referido os futuros successos, desapareceu, e Daniel deu a alma a Deus, pouco tempo depois d'esta visão.

Foi a ultima visão do propheta Daniel.

O seu tumulo está perto de Suza, sob uma rocha de granito, coberta de inscripções e animaes symbolicos.

SECÇÃO NOTICIOSA

Rainha Victoria

Apoz longa agonia exalou o ultimo suspiro a rainha Victoria Alexandrina.

O ultimo boletim official é datado das 6 horas e 45 minutos da tarde de terça-feira; diz: «Sua Magestade a rainha Victoria exhalou o ultimo suspiro ás 6 horas e 30 minutos da tarde, rodeada de seus filhos e netos» (assignados) James Reid, Douglas, Powells, Thomas Barlow.

A rainha Victoria era uma das figuras mais notaveis do nosso tempo. Presidiu aos destinos do seu povo que a respeitava e amava, durante sessenta annos.

Victoria Alexandrina, Rainha do Reino Unido, da Grã Bretanha e da Irlanda, suas colonias e dependencias na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, Imperatriz das Indias, pro-

tectora da Fé, Magestade Real e Imperial nasceu no palacio de Kensington em Londres a 24 de maio de 1819.

Era filha do Principe Eduardo da Grã Bretanha e da Irlanda, Duque de Kent, e de Victoria, Princeza viuva de Liningen. Succedeu a seu tio o Rei Guilherme IV, fallecido a 20 de Junho de 1837.

Foi coroada a 28 de junho de 1838, casou na abbadia de Westminster em Londres a 10 de fevereiro de 1840 com o Principe Alberto de Saxe Coburgo-Gotha, fallecido a 14 de dezembro de 1861.

Do seu consorcio nasceram:

1) A Princeza Victoria Adelaide-Maria Luiza em 21 de novembro de 1840.

2) O Principe Real Alberto Eduardo, Principe de Galles, em 9 de novembro de 1841.

3) O Principe Alfredo Ernesto Alberto, Duque de Edimburgo, fallecido.

4) A Princeza Helena Augusta Victoria em 5 maio de 1842.

5) A Princeza Luiza Carolina Alberta em 21 de março de 1848.

6) O Principe Arthur Guilherme Patrik Alberto, Duque de Connaught e Strathearn em maio de 1850.

7) O Principe Leopoldo, Duque d'Albany, a 7 de abril de 1853, fallecido.

8) A Princeza Beatriz Maria Victoria Fedora em 14 de abril de 1857.

Sua Magestade tomou o titulo de Imperatriz das Indias em 1 de janeiro de 1877.

A noticia da sua morte foi recebida com muito sentimento n'esta cidade.

Paz á sua alma.

o novo rei de Inglaterra

O novo rei é Alberto Eduardo, principe de Galles, duque de Cronwel, duque de Rotheray, conde de Chester, conde de Carrik e de Dublin, barão de Renfrew, lord das ilhas e grã duque da Escocia, nasceu no palacio de Buckingham em Londres a 9 de novembro de 1841.

Varias noticias

O Snr. Cronau engenheiro director do arsenal de marinha, acaba de elaborar o projecto para um couraçado portuguez. Esse novo vaso que vem augmentar a nossa marinha de guerra tem 81 metros de comprimento, 15^m, 80 de boca, e 5^m, 4 de pontal, devendo medir 4.400 toneladas. Deve ter uma couraça de protecção com 80 centimetros de espessura, sendo o seu armamento de 2 peças de 24 centimetros em torres fechadas e girantes, 6 peças 15 metros em casamatas, 4 de de 10 centimetros com escudos, 2 de 65 millimetros, 5 de 47 millimetros, 4 de 37

millímetros e 2 tubos lança torpedos submarinos.

—Foi mandado fazer convite aos capitães da arma de artilheria para irem commandar a companhia da guarnição de Cabo Verde.

—O snr. Dr. Gonçalves Guimarães, vice-reitor da Universidade de Coimbra promoveu a realisação d'um importante trabalho, que consiste na elaboração d'uma estatística de movimento dos alumnos da Universidade durante o seculo XIX, mencionando nomes, filiações, naturalidades, etc. Vae ser nomeada uma commissão para introduzir melhoramentos nos annuarios da Universidade.

—Falleceu n'esta cidade a snr.^a D. Anna de Jesus Freire, mãe dos snrs. José Moreira Freire e Fernando Moreira Freire, e tia dos snrs. conselheiro Dr. Domingos Moreira Freire, e Duarte Moreira Freire. Aos leitores pedimos uma prece por alma da finada.

—O snr. Conselheiro Pedro Maria da Fonseca Araujo na reunião da commissão administrativa do Real hospital de creanças, «Maria Pia» participou que, tendo ido a Lisboa convidar Suas Magestades para virem a esta cidade honrarem com a sua presença, a solemne inauguração do seu novo edificio, na rua da Boa Vista, havia recebido a formal annuencia da Senhora D. Maria Pia, e de seu augusto filho o snr. infante D. Affonso. Não se sabe, porém, quando será o dia da inauguração, porque a commissão das ex.^{mas} zeladoras quer previamente consultar a Exc.^{ma} Snr.^a D. Emilia Cabral Pereira Cardoso, viuva do digno par do reino Dr. José Pereira da Costa Cardoso, porque é essa senhora a principal protectora d'aquella sua instituição, tendo cedido gratuitamente o terreno para o edificio. Espera-se ainda que El-rei D. Carlos e sua augusta esposa venham abrilhantar essa inauguração, mesmo porque Sua Magestade prometteu ha dias vir a esta cidade. As creancinhas já passam para o novo edificio no dia 11 d'este mez de fevereiro, anniversario do fallecimento da Exc.^{ma} D. Emilia Amelia Pereira Cabral, filha da mencionada senhora.

—No domingo 20 de janeiro principiaram no edificio da Associação Catholica as conferencias da presente epocha. O primeiro conferente foi o nosso benemerito e venerando prelado, o snr. D. Antonio Barroso, excelso bispo d'esta diocese.

—Não cessa a mania dos duellos! Ha dias houve em Lisboa outro duello, sendo combatentes os snrs. João da Cunha Belem e Julio Lopes d'Oliveira, testemunhas do primeiro os snrs. Agostinho Lucio e Urbano de Castro, e do segundo os snrs. João Pinto Ro-

drigues dos Santos e David José Rodrigues dos Santos, e medicos assistentes, os snrs. drs. Martins e Almeida Dias. O duello foi á espada, e realisonou-se junto ao hypodromo de Belem. O snr. Cunha Belem ficou ferido... n'um dedo. Como tudo isto seria ridiculo, senão fosse profundamente triste!

—Partiu na segunda feira passada para Pariz e Bruxellas afim de estudar a organização dos serviços vaccinogenicos, o snr. Dr. Evaristo de Moraes Sarmento.

—Perdeu-se no alto mar o vapor francez «Saint-André» que muitas vezes entrou a nossa barra, procedente de Anvers e do Havre, e consignado á Companhia Thetis. A tripulação abandonou o vapor sendo salvo pelo vapor «B. V. F. M.» da praça de Viborg. O «Saint André» vinha do Havre para Lisboa e Porto, trazendo parte dos objectos que estiveram na secção portugueza da exposiçãõ de Pariz. Mal o snr. ministro da marinha teve conhecimento d'este facto, mandou sair immediatamente o vapor «Berrio», rebocador do arsenal, com ordem de procurar o «Saint André» e rebocal-o para Lisboa, ou salvar d'elle tudo quanto fosse possivel. Não foi, porém, possivel encontrar-o.

—A marquezã de Villarina contou ha dias á rainha Margarida, viuva do rei Humberto, que o tribunal de Milão havia remettido a bala que matara o infeliz rei da Italia ao snr. Giantusco, ministro da justiça. A viuva mostrou desejos de possuir essa bala, e apesar do ministro hesitar durante algum tempo, accedeu afinal aos seus desejos, e foi pessoalmente entregal-a á viuva de Humberto!

Congregações religiosas

Está sendo debatida no parlamento francez a questão das congregações religiosas, e parece que o governo presidido pelo snr. Waldeck-Rousseau, incitado pelas seitas maçonicas, intenta fechar os estabelecimentos religiosos.

Veremos no que a final fica a questão; mas a França tem de arrependerse, porque persegue os verdadeiros amigos de Jesus, e depois ha-de soffrer as consequências da sua impiedade.

Segundo o recenseamento mandado elaborar pelo governo francez, existiam no dia 1 de janeiro de 1901 em França e na Algeria 3:216 estabelecimentos congreganistas, contendo 30:130 membros.

D'esses 346 estabelecimentos, 2748 eram de ensino, 52 hospitaes, e 416 contemplativos, missões, etc. Dos 30:130 membros, 23:327 eram profes-

soras, 532 enfermeiros, 7:277 contemplativos, etc.

Deus illumine o governo francez, e não faça pesar a espada da sua justiça, sobre a infeliz França.

Luthero

Por um lapso verdadeiramente diabolico, que todavia é facil de succeder, n'uma officina typographica de grande movimento, mas que não podemos facilmente explicar, succedeu que no nosso numero anterior foi publicada a gravura d'um sancto, e com ella o distico de Luthero que devia ser applicado na gravura, que n'este numero publicamos na primeira pagina do jornal. Pela nossa secção illustrada se podia facilmente conhecer o engano, pois que alli descreviamos a gravura, que nada tinha que ver com a gravura publicada. Pedimos desculpa d'este descuido aos nossos bondosos leitores, e promettemos ter de futuro mais cuidado.

Publicações recebidas

Recebemos entre outras, as seguintes, que reconhecidamente agradecemos.

O 1.^o numero da revista colonial, popular encyclopedica, *A Esperança* que começou a publicar-se em S. Nicolau de Cabo Verde. Diz a redacção que é «uma publicação mensal dedicada a todos que desejam saber, e não teem dinheiro para possuir, nem tempo para ler muitos livros, jornaes e revistas, e dedicada em geral á juventude caboverdiana e ao professorado primario de Portugal e Brazil.» Damos as boas vindas ao collega, e desejamos-lhe muitas prosperidades.

—Os n.^{os} 3 e 4 corresponsdentes a Novembro e Dezembro de 1900 da revista mensal lisbonense: *Novas Leituras populares*. São illustrados, e veem, como os demais, muito bem redigidos.

Encyclopedica Portugueza Illustrada

Recebemos o fasciculo 96 d'este excellento dictionario universal, publicado sob a direcção do snr. Dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Abrange as palavras *Castilho* a *Catagogias*, contendo 366 artigos e 20 figuras. Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo, citaremos *Castro*, do snr. Firmino Pereira; *Castro (José Luciano de)*, do snr. dr. Adriano Anthero; *Castro Laboreiro* e *Castro Marim*, do snr. Jayme de Faria.

Continua a assignar-se este magnifico dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63 1.^o. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marçal Saldanha, 26.

EXPEDIENTE

Todos os assignantes novos podem pedir a primeira folha da «Breve noticia dos veneraveis servos de Deus, da ordem hospitalar», (que se publica actualmente em folhetins), pois que promptamente a receberão, para ficarem com a obra completa.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
403, Rua do Souto, 405—BRAGA
Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Frabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

Catecismo de Perseverança

Está á venda o 7.º volume d'esta importantissima obra, que conclue com o 8.º, o preço d'este volume é de 1\$000 reis brochado, 1\$280 reis meia encadernação e 1\$360 reis encadernação de carneira.

Pedidos a Antonio Dourado, Passeio da Graça, 41 a 43—Porto, e em todas as livrarias.

Almanach de Santo Antonio PARA 1901

3.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Já está á venda este excelente almanach, Vem consideravelmente melhorado, tanto na parte litteraria como na parte artistica. Innumerables artigos doutrinaes e moraes, poesias escolhidas de auctores contemporaneos: de outros já fallecidos, historias e lendas religiosas, contos moraes, anedotas, e pensaentos, curiosidades etc.

Preço: Em brochura, 250 réis; encadernado com bellissima capa de percalina, 320 réis.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 réis.

Catecismo contra o Protestantismo,

Composto pelo Cardeal Cuestsa Arcebispo de S. Thiago; approved e recommendado pelo Em.º Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 réis; 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

Preces que por ordem de Sua Santidade o Papa Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico. Cento, em portuguez, 800; em latim e portuguez, cadaexemplar 50 réis.

Flores a S. José

Meditações para o seu Mez

OU

Qualquer tempo do anno

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço, enc. 200

Pedidos ao Editor Catholico José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI
da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes exemplos extrahidos das obras de SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO e de outros bons auctores

Com permissão do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 160 réis
Broch. 100 réis

LADAINHA

DO

Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Avulsas 10 »

FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de Maio de 1899

Approvada pelo Ex.º Sr. Vigario Capitular Coelho da Silva

Preço em cartão 10

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTO POR

Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire

Com permissão do Em.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

2.ª EDIÇÃO

Augmentada com o **Modo de ouvir a Missa pelos Defunctos.** Brochado 100; enc., 160 réis.

As Tres Rosas dos Escolhidos

Traducção da 2.ª edição franceza

PELO

Ex.º Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

Approvada e recommendada pelo Em.º Sr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto

e pelo Ex.º Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12, francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

POR

O Abbade J. BERTHIER, M. S.

Vertido da 4.ª edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 réis.

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.
VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

Todos estes livros se vendem na Redacção do "Progresso Catholico," — Rua da Picaria, 74—PORTO.